

DIRETOR: ANA CRISTINA GIL
 EDITOR: ADOLFO FIALHO
 EQUIPA EDITORIAL: ANA DIOGO,
 LEONOR SAMPAIO DA SILVA,
 MAGDA CARVALHO,
 MARIA DA LUZ CORREIA,
 SUZANA CALDEIRA

AGORA

JORNAL
 DA FACULDADE
 DE CIÊNCIAS SOCIAIS
 E HUMANAS
 DA UNIVERSIDADE
 DOS AÇORES

FEVEREIRO DE 2020 • Nº 27

Página Facebook: https://www.facebook.com/Agora-1851778665043178/?ref=aymt_homepage_panel | Email: agora.fcsh@gmail.com

Nota de abertura Devagar se vai ao longe...

"Ai vem o meu irmão março, que fará o que eu não faço", diz o ditado, mas a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) continua a contrariar a tendência e despede-se de fevereiro com mais um interessante conjunto de iniciativas. Neste número, a rubrica *Agora* dá notícia da segunda edição do encontro *Filosofâncias: oficinas de filosofias e infâncias*, que trouxe à UAc duas centenas de crianças, que fizeram da Filosofia uma festa, e a rubrica *Ágora* partilha um interessante apontamento sobre a visão da mulher na paremiologia portuguesa.

A conversa escrita deste mês realça o papel e o lugar, na UAc, nos Açores, no País e no Mundo, do Homem, do Político e do Docente, o Professor Doutor João Bosco Mota Amaral, uma figura emblemática e incontornável do processo de construção da democracia em Portugal.

Agora é moda convida-nos a um faustoso e romântico jantar "às cegas". Em *Alumni* partilhamos uma "chuva" de emoções e de memórias da antiga aluna Noémia Ventura e em *Agora deu-me para isso*, Mafalda Botelho, do alto das suas andas, mostra-nos como concilia e espetáculo com a educação.

ADOLFO FIALHO DOCENTE DA FCSH

Ágora

A Mulher na Paremiologia Portuguesa

Em geral, a imagem da Mulher nos Adagiários portugueses é tendencialmente negativa, bem patente em ditados como "Conselho de mulher vale pouco e quem o toma é louco", "Mulher sabida é mulher perdida" ou "Não te fies em mulher que não fala e cão que não ladra".

Na nossa análise estatística do conhecimento dos provérbios portugueses incluídos em diversas coletâneas do século XX, verificámos que nem 1% dos cerca de 750 exemplares que referem a Mulher são reconhecidos pela maioria da população. Em São Miguel, apenas cinco desses provérbios são relevantes: A mulher e a sardinha a mais pequenina; Entre marido e mulher não metas a colher; Livre-nos Deus do poder da má mulher; Não se deve bater na mulher nem com uma flor; O homem faz a mulher e a mulher faz o homem. Os outros exemplares ou nunca tiveram realmente um estatuto popular ou já o perderam devido à consciência da importância social, económica, cultural e política da metade feminina da humanidade. Relativamente aos exemplos apre-



"A imagem da Mulher nos Adagiários portugueses é tendencialmente negativa", explica a autora.

sentados, os últimos dois são afirmações positivas, enquanto o terceiro não se aplica à generalidade das mulheres. A comparação com sardinhas parece machista, mas um estudo pormenorizado entre os alunos da Universidade dos Açores revela que a mesma não é usada pelos homens, mas por mulheres para encorajarem as amigas

de baixa estatura que se sintam desanimadas por não conseguirem um bom parceiro.

O segundo enunciado alerta para o facto de, muitas vezes, o mediador numa briga de casal ser alvo de críticas pela sua interferência precisamente por parte das pessoas que ele tenta ajudar. Este provérbio não é tradicional-

mente empregue em situações de violência doméstica, mas poderá ser usado abusivamente para encobri-la, como uma campanha publicitária bem conhecida justamente denuncia. Afinal, como apropriadamente nos diz a sabedoria popular, *nem tudo o que parece é!*

GABRIELA FUNK DOCENTE DA FCSH

Agora deu-me para isso
 Mafalda Botelho, do alto das suas andas, mostrou-nos como concilia Educação e Espetáculo

página 2

Alumni
 Noémia Ventura partilha "chuva" de emoções e de memórias da UAc

página 2

Conversa Escrita
 João Bosco Mota Amaral falou ao *Agora* sobre educação, política e cidadania ativa

página 3

Agora Filosofâncias: oficinas de filosofias e infâncias

No dia 1 de fevereiro, decorreu na UAc, em Ponta Delgada, mais um filosofâncias: oficinas de filosofias e infâncias. Tratou-se de uma

série de sessões simultâneas de filosofia com grupos de crianças, que contou com cerca de 200 alunos da Escola Armando Côrtes-Rodrigues, de Vila Franca do Campo. As crianças foram acompanhadas por professores, familiares e encarregados de educação e as atividades foram orientadas por especialistas na área, atuais e antigos alunos do Mestrado em Filosofia para Crianças, que estiveram em Ponta Delgada por ocasião de um mais encontro presencial do curso. A iniciativa foi organizada pela



DIREITOS RESERVADOS

equipa do projeto de filosofia da EBS Armando Côrtes-Rodrigues, pelo NICA e pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da UAc. Contou ainda com o apoio da Câmara Municipal de Vila Franca do Campo e da Pavniva.

As filosofâncias inserem-se na parceria desta Escola com a UAc, reafirmando o trabalho pioneiro que a Região Autónoma dos Açores tem desenvolvido na área da filosofia para crianças.

MAGDA CARVALHO DOCENTE DA UAC

Agora deu-me para isso

O amor ao Espetáculo e à Educação

Mafalda Botelho é aluna do curso de licenciatura em Educação Básica da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores

Os últimos anos têm sido intensos, repletos de conquistas e desafios, que me permitiram crescer enquanto pessoa e futura educadora.

Aliados ao amor pelas crianças e pela educação estiveram sempre a curiosidade e o bichinho do espetáculo. Esta curiosidade fez com que, em 2015, entrasse para um grupo de teatro em andas, os Be Freak, que fazem parte da Associação Tradições, à qual pertenço desde 2012.

Adorava ver os espetáculos de andas, o facto de estarem tão altos e a forma "mágica" como andavam, como se moviam, as roupas, a caracterização, os penta-

dos... tudo me fascinava e me dava vontade de também fazer parte daquele mundo de fantasia. Até que decidi experimentar, certa de que provavelmente seria apenas uma única experiência. Mas não foi... A experiência prolonga-se até hoje e tem sido um percurso fascinante. É maravilhoso fazer parte deste grupo que, acima de tudo, é como uma segunda família, com quem posso contar sempre. É maravilhoso ver o ar de encanto do público quando nos vê passar, o mesmo ar que eu tinha quando os via e, acima de tudo, é maravilhoso interagir com os mais pequenos, que nos olham e nos veem como figuras de animação que fazem parte do seu mundo encantado. O nosso grupo desenvolve uma série de espetáculos diferentes, entre eles, o "Humanum", que está relacionado com uma representação dos nossos antepassados, mais especificamente, os homens das cavernas, bem como a



É maravilhoso interagir com os mais pequenos, que nos veem como figuras do seu mundo encantado, partilha Mafalda Botelho

nossa mais recente produção, e confesso, a que mais gozo me deu fazer, até hoje: "A Ilha do Chá, uma homenagem à apanha do chá feita na nossa ilha. Desde os nossos trajes de apanhadeiras, até às máquinas onde o chá é recolhido, tratado e confeccionado, tudo é mágico... E, no final, ain-

da se dá a oportunidade de provar o nosso chá!

É indescritível a sensação de pensar e idealizar um espetáculo e começar a construí-lo, do zero. Desde as personagens à caracterização, tudo é pensado e estudado. E quando finalmente o espetáculo sai à rua e vemos o ar fasci-

nado daqueles que nos esperam, é uma realização enorme. Augusto Cury diz-nos que "A vida é um grande espetáculo" e eu tenho a sorte de poder pertencer ao espetáculo da vida e aos espetáculos que, até hoje, esta Associação me proporcionou.

MAFALDA BOTELHO ALUNA DA FCSH

Inscrições abertas para o II Workshop de Tradução

Estão abertas até dia 15 de março as candidaturas ao II Workshop de Tradução. Integrado nas atividades do Mestrado em Tradução e Assessoria Linguística, promovido pelo Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, em colaboração com o Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, este workshop visa promover um primeiro contacto com a problemática e o exercício da tradução. A edição de 2020 do workshop adquire uma dimensão internacional, com a participação da Professora Ángela Saénz-Herrero, da Universidad Europea Miguel de Cervantes, que lecionará duas sessões de iniciação à tradução audiovisual. O Workshop destina-se a estudantes de 3.º ano de licenciatura ou a licenciados interessados pela problemática da tradução e possuidores de um domínio da língua inglesa correspondente, no mínimo, ao nível B1. As sessões

decorrem de 23 a 26 de março, das 18h00 às 20h00, no pólo de Ponta Delgada. Para mais informações contacte: dominique.ar.faria@uac.pt

DOMINIQUE FARIA DOCENTE DA FCSH

DIREITOS RESERVADOS

II WORKSHOP DE TRADUÇÃO

MÓDULOS

23 de março
Introdução à problemática da tradução
Dominique Faria (Univ. dos Açores)

24 de março
Interferência da língua de partida na tradução
Português-Inglês
John Silva (Univ. dos Açores)

25 de março
Introdução to AVT (Audiovisual Translation) (Part 1)
Ángela Saénz-Herrero (Univ. Europea Miguel de Cervantes)

26 de março
Introdução to AVT (Audiovisual Translation) (Part 2)
Ángela Saénz-Herrero (Univ. Europea Miguel de Cervantes)

FCSH promove Workshop de Tradução durante o mês de março

Alumni

Uma "chuva" de emoções

Em 2003 entrava eu para a UAc. O sonho de ser professora do 1.º Ciclo estava cada vez mais próximo de alcançar.

No primeiro dia de aulas, as emoções estavam ao rubro: se, por um lado, estava radiante por, por outro, estava ansiosa pelo desafio que me esperava. Na sala encontrara colegas que, pela sua postura, revelavam os mesmos sentimentos.

A cada ano aumentava a minha responsabilidade, enquanto aluna, mas principalmente enquanto pessoa, que no futuro teria, para além de uma profissão, uma missão: a missão de ensinar, de partilhar conhecimento, de fazer o outro crescer, de mostrar caminhos, de dar as mãos. Como diziam os meus professores, o professor ensina, aprende, forma, educa, apoia, comunica mas, acima de tudo, ele É. Ao longo dos 4 anos de curso, efetivamente, isto fez cada vez mais sentido, não apenas porque a cada dia nos aproximávamos mais do

fim do curso mas, sobretudo, porque os nossos professores colocavam "a tal teoria" em prática. Mais do que o simples aprender, estava o "aprender a ser". Na disciplina de Expressão Dramática, pudemos colocar isso em prática. Ainda me recordo dos nossos monólogos, dos nossos fantoches, das nossas reflexões com música de fundo e da voz inconfundível do nosso professor. Ainda me recordo de ser uma "bola de sabão", de ser o amarelo e o azul do arco-íris de um colega, de ser a deusa Hera e de defender a Deusa Afrodite do malandro Deus Baco, de me emocionar por saber que aquele tempo iria passar e que não poderia mais vivê-lo, apenas recordá-lo. E ainda me recordo de ambicionar, um dia, ser como o meu professor, capaz de criar vínculos, de conduzir, acompanhar, de se aproximar e compreender o outro. Hoje, enquanto profissional, sei que o que o meu professor fazia era ensinar com AMOR, pelo que ainda hoje está presente, não



Noémia Ventura é Licenciada em Ensino Básico pela UAc.

apenas nas minhas recordações, mas no meu coração. A canção "CHUVA" de Mariza marcou a passagem da nossa turma pela UAc e tocou, de forma especial, o coração de cada um de nós... Com ela termino, certa de que "As coisas vulgares que há na vida não deixam saudades, só as lembranças que doem, ou fazem sorrir. Há gente que fica na história, da história da gente e outras de quem nem o nome lembramos ouvir. São emoções que dão vida à saudade que trago...".

NOÉMIA VENTURA ANTIGA ALUNA DA UAC

Agora... o Professor João Bosco Mota Amaral

“A intervenção política nunca deve ser vista como uma carreira, mas como uma aventura de serviço”

Antigo presidente da Assembleia da República e ex-Presidente do Governo dos Açores, João Bosco Mota Amaral é hoje o político português com o mais longo historial de funções públicas em defesa da democracia. No País, e em especial nos Açores, dispensa apresentações. Na FCSH-UAç, onde é professor convidado desde 2015, também. Além do admirável percurso na construção da democracia em Portugal, na FCSH-UAç já nos habituamos à excelência das suas aulas e das suas intervenções, ao benévolo sorriso e ao generoso empenho que dedica a todos os nossos eventos e projetos: o *Agora* é um deles

Recebeu o Doutoramento Honoris Causa pela Universidade dos Açores, em 1995, e é professor convidado na FCSH, desde 2015. Como tem sido esta experiência?

No Curso de Licenciatura, tenho lecionado Ciência Política, e Regionalismo e Insularidade na Europa Contemporânea; no Curso de Mestrado, Direito Internacional Público. A experiência de ensinar na Universidade dos Açores, concretamente na FCSH, tem sido para mim devesas fascinante. O convívio com Professores e Alunos tem-me proporcionado experiências enriquecedoras. E sinto-me muito honrado e até feliz por poder assim dar uma colaboração direta na consolidação do Ensino Superior na nossa Região Autónoma. Sempre considerei a Universidade como uma peça fundamental no processo de afirmação dos Açores e do Povo Açoriano.

Tendo em conta a experiência de docência, como caracterizaria a relação dos jovens com a vida política?

Parece-me que os jovens que frequentam as minhas aulas estão um pouco arredados das questões políticas. A minha tarefa principal é despertar neles o interesse pela Política e uma consciência forte da sua qualidade de cidadãos de uma Região livre e de um País livre. Empenho-me em que entendam a importância da sua liberdade, que se tornem *smart citizens*, cidadãos esclarecidos e críticos, decididamente participantes na vida da comunidade.

Qual a missão das ciências sociais e humanas, e especificamente da ciência política, e do seu estudo no âmbito do Ensino Superior, tendo em conta o contexto atual?

A Universidade tem um papel insubstituível na formação cívica,



“A Universidade tem um papel insubstituível na formação cívica, guindando-a a patamares mais elevados em todos aqueles que a frequentam”, realça o Professor Mota Amaral.

guindando-a a patamares mais elevados em todos aqueles que a frequentam. O meio em que estamos vivendo - e mais ainda o futuro em que vão viver os jovens de hoje - desafia-nos com problemas, que têm de ter respostas justas. Noto que se cultiva um certo fatalismo sobre o que nos espera, mas a verdade é que a sociedade será como nós decidirmos que seja, tanto nas Ilhas como no conjunto do nosso País e também na Europa e no Mundo.

Tendo em conta o seu longo e pioneiro percurso na vida política nacional, que conselho ou, enfim, que perspectiva deixaria aos jovens que hoje querem en-

veredar pela carreira política?

Diria que a intervenção política nunca deve ser vista como uma carreira, mas como uma aventura de serviço, na qual se tem de trabalhar sempre como um contratado a prazo... Quem encarar a Política como um mero percurso ascensional, para benefício próprio e quanto muito do grupo ou partido em que se insere, tenderá a ceder nas suas convicções para alcançar objetivos. Mas isso é percebido pelos cidadãos e tem por consequência a perda da confiança, no próprio e no sistema. O carreirismo é uma doença fatal para a Democracia.

Recentemente publicou o livro

Os Açores, Portugal e a União Europeia. Que diferentes aspetos da política nacional e internacional aí aborda?

O meu livro contém trabalhos elaborados ao longo do tempo sobre questões de atualidade, regional, nacional e europeia. A construção de uma dimensão europeia para os Açores e a para a Autonomia Constitucional está ali exposta em pormenor. As dificuldades e as vantagens da participação de Portugal no processo de integração europeia, também. Abordo ainda diversas causas de direitos humanos, nomeadamente o acolhimento dos refugiados e a globalização posta ao serviço da pessoa

humana. Isto é uma descrição muito pela rama, claro.

Que acontecimentos do último ano selecionaria como determinantes na política nacional e internacional?

Destaco a crescente perceção da mudança climática e da urgência em enfrentá-la com medidas eficazes. Isto no plano internacional. Dentro de portas, as eleições legislativas decorreram com uma grande abstenção, que nos Açores atingiu um nível devesas preocupante. Com isto volto ao princípio da nossa conversa e aos temas da participação política e do virtuoso orgulho da cidadania ativa.

MARIA DA LUZ CORREIA DOCENTE DA FCSH

Agora é moda

Comer dans le noir

ILUSTRAÇÃO DE CARLA MEDEIROS (ANTIGA ALUNA DO MESTRADO EM PRÉ-PRÍ DA FCSH)



“O importante é fingir que se está a adorar a experiência.”

A ideia foi de um alemão, mas os franceses apropriaram-se dela e abriram diversos restaurantes em Paris, Nantes, Nice. Seguiram-se os ingleses, os canadianos, os russos, os espanhóis, os australianos, os americanos.

Dizem que o objetivo de comer no escuro é proporcionar aos clientes a experiência da cegueira para uma degustação singular, que intensifique as impressões recolhidas pelos outros sentidos. Duvido. Parece-me haver uma agenda económica de desperdício zero.

Desde que entra no restaurante, o cliente é conduzido na mais completa escuridão até ao seu lugar. Poderá sentar-se no sítio mais horrível e imundo do planeta sem que disto se aperceba.

Para maior incomodidade, a escolha da comida fica ao critério do chef. Não só ninguém vê o que

come como é impossível reclamar da lagarta na salada, do fósforo no peixe, da mancha de batom na chávena de café. É engolir e calar.

A lição de humildade não se fica por aí e até se combina com masoquismo. Pretende-se uma atenção crescente aos sons. Mas a que preço? A que distância se está de um cenário de terror? O aproximar de passos de empregados cegos equilibrando travessas quentes, o ranger da cadeira ao lado, o espirro acabadinho de aterrar da China, a claustrofobia, o trauma infantil do castigo no quarto escuro - tudo isto me faz pensar que o restaurante noir evoluirá para experiências que não estou autorizada a descrever. Quanto à concentração no paladar, uma percentagem alta de quem já lá esteve admite que a confusão mental é tanta que se

torna difícil identificar os alimentos.

O importante é fingir que se está a adorar a experiência, com pequenos gritinhos de cada vez que se derruba um copo e grandes alaridos quando se espeta o garfo onde não se deve.

Os que têm maior autocontrolo estarão o tempo todo a monitorizar os gestos; muitos sairão com sede e fome, sujos, talvez babados. Todos dirão que foi um jantar inesquecível, mas só alguns admitirão que não é para repetir. Giro, giro seria haver jantares destes no Dia dos Namorados. Não dizem que o amor é cego? Por outro lado, ninguém me garante que os potenciais clientes destes jantares não fossem casais que não se podem ver ou... não querem ser vistos.

LEONOR SAMPAIO DA SILVA
 DOCENTE DA FCSH



Agora Veja

O encantador de cobras

Pedro
 Ferreira

Esta rubrica tem a colaboração da Associação de Fotógrafos Amadores dos Açores (AFAA).

Agora é hora

Malaca Casteleiro (1936-2020)

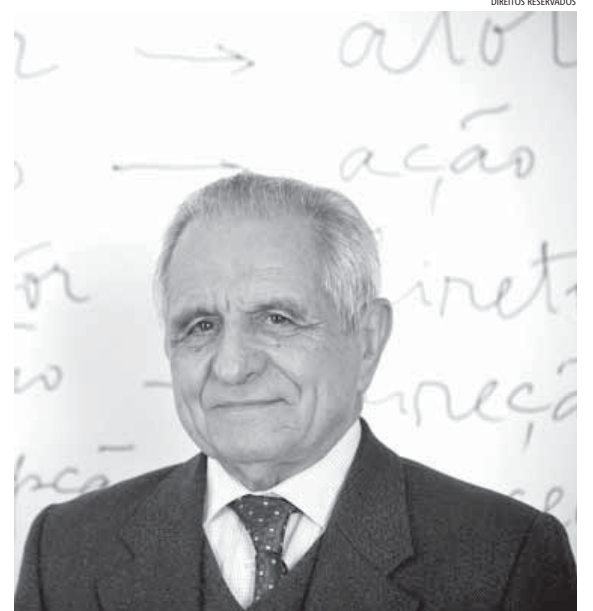
O Professor Malaca Casteleiro, no nosso primeiro encontro, em 1987, quando era monitora da cadeira de Sintaxe e Semântica do Português na UAc, e da qual era o Coordenador, perante a ânsia de superar lacunas várias, descansou-me afirmando: “Todos começámos um dia e ainda bem que há gente que quer começar.” Amiúde dizia: “Só não é criticado quem nunca fez nada!” O Professor Malaca acompanhou-me em toda a carreira académica, tendo sido meu orientador das Provas APCC e da tese de doutoramento. Sempre nele encontrei generosidade e abertura às propostas que apresentava; deu-me a liberdade de escolha e com ela a responsabilidade. Os princípios em que instruiu os orientandos tomou-os para si próprio.

Malaca Casteleiro, professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa desde 1981, desenvolveu atividade docente e de investigação na Sintaxe da Língua Portuguesa. O Professor deixa obra feita na docência, na investigação e na divulgação científica. Não podendo referir toda

a sua vasta obra, torna-se imperioso registar aquela em que foi maior. Malaca Casteleiro foi um dos primeiros a assumir que o Português não podia continuar a ser uma língua isolacionista, antes deveria tornar-se uma língua una e pluricêntrica. Sempre defendeu, com eco em equipas internacionais, a necessidade de se realizarem obras que fossem referências para todas as variedades do Português, como língua materna ou língua segunda. Com este propósito, participou no longo e controverso processo do Acordo Ortográfico, na Coordenação do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001), que contempla léxico de diferentes registos e variedades, e dinamizou durante décadas o Português Língua Estrangeira, tendo fundado em 1999 o CAPLE - Centro de Avaliação de Português Língua Estrangeira, na sua *alma mater*. Malaca Casteleiro, falecido a 7 de fevereiro, deixou uma obra ímpar para o futuro da Língua Portuguesa no Mundo, que terá, em 2050, estima-se, 375 milhões de falantes.

HELENA MONTENEGRO DOCENTE DA FCSH

DIREITOS RESERVADOS



O Professor deixa obra feita na docência, na investigação e na divulgação científica.